



ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

Imigrantes brasileiros qualificados em Portugal: que inserção?

EGREJA, Catarina

Licenciada em Sociologia

CIES-ISCTE

catarina.egreja@sapo.pt

OLIVEIRA, Luísa

Doutorada em Sociologia

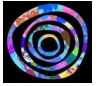
CIES-ISCTE

luisa.oliveira@iscte.pt

Resumo

As migrações ligadas ao trabalho, sejam de carácter temporário ou permanente, cresceram significativamente em vários países da OCDE. No caso concreto dos profissionais qualificados oriundos do Brasil, verifica-se um fluxo significativo com destino à Europa e, em particular, a Portugal., o que facilmente se compreende por aspectos como a língua e outras semelhanças históricas e culturais. Esta comunicação pretende ajudar a compreender se Portugal se posiciona apenas enquanto “porta de entrada” na Europa destes imigrantes, devido a um fraco nível de atracção e retenção do nosso país no que respeita a profissionais qualificados, procurando ainda descrever os processos de integração ocorridos, social e profissionalmente. Tais conclusões decorrem da realização de 27 entrevistas a imigrantes brasileiros qualificados, ou seja, com habilitações acima do ensino secundário completo, residentes em Portugal em 2006.

Palavras-chave: integração de brasileiros qualificados em Portugal; imigração brasileira; mercado de trabalho





1. Introdução

A presente comunicação é resultado do projecto “Migrações internacionais de profissionais qualificados – Estudo comparativo da imigração brasileira em Portugal e em França”, a decorrer no âmbito do CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia e financiado pelo GRICES ao abrigo do Programa Pessoa.

As migrações ligadas ao trabalho, sejam de carácter temporário ou permanente, cresceram significativamente em vários países da OCDE, e em grande parte devido a movimentos migratórios de trabalhadores qualificados nas áreas das tecnologias da informação e da comunicação, mas também nos sectores da saúde e da educação (OCDE, 2002; OCDE, 2004a; OCDE, 2004b).

Para além das migrações de trabalho, que envolvem trabalhadores de todos os níveis de qualificação, existem processos de circulação internacional de profissionais, no contexto da internacionalização das economias e do desenvolvimento de organismos e de empresas internacionais, ou no quadro da internacionalização dos sistemas científicos e técnicos dos países mais desenvolvidos, que potencia estes processos migratórios específicos. A própria especificidade das migrações de profissionais qualificados influencia os modos como se desencadeiam os processos migratórios, como afirma Meyer num artigo sobre o desenvolvimento de redes de imigração e as questões do *brain drain* (Meyer, 2001).

A capacidade, dos diferentes países, para atrair e integrar profissionais estrangeiros, está muito relacionada com o estado de desenvolvimento do mercado de trabalho qualificado e com as oportunidades de trabalho efectivas. Esta relação não é, porém, linear. Se é verdade que são os países mais desenvolvidos que apresentam maior capacidade de atracção, estes nem sempre se apresentam com a mesma capacidade de integração. Existem países com mercado de trabalho qualificado desenvolvido, com necessidade de profissionais, mas que dificilmente se constituem em oportunidades de atracção e de integração de profissionais, por força de mecanismos corporativos de fechamento e de protecção de mercados de serviços profissionais. De facto, a capacidade de integração está estreitamente relacionada, também, com a abertura dos sistemas de formação e de trabalho, tanto dos países de origem como de destino (Solimano et al., 2004; Iredale, 2001).

Para análise de várias destas questões e para a compreensão das características e especificidades das migrações internacionais de profissionais são muito importantes o conceito *ciclos de migração* e a noção de *temporalidade* (imigração temporária *versus* imigração permanente) (Baláz et al., 2004). O uso destes conceitos e noções, neste contexto, levou alguns autores a adoptarem expressões como *brain circulation* em substituição da expressão mais usual *brain drain* (Solimano et al., 2004).

Atendendo a estas questões, o objectivo do projecto foi, em primeiro lugar, analisar as condições de circulação e integração dos profissionais brasileiros emigrados em Portugal, tentando contribuir para um maior e melhor conhecimento das questões que estão relacionadas com a imigração de profissionais qualificados, em especial a sua circulação entre a América Latina e a Europa, atendendo a que Portugal é, na Europa, um dos mais importantes países de destino do recente fluxo de emigração brasileira, constituído, em parte, por quadros e outro pessoal qualificado.

Vários factores podem ter contribuído para transformar Portugal num destino atractivo para os brasileiros: (1) a existência de uma língua comum e de referentes culturais facilitadores da integração social dos brasileiros em Portugal, (2) o facto de estes terem direito a um estatuto particular de igualdade de direitos no plano jurídico, (3) a prolongada situação de crise sócio-económica, hiperinflação e insegurança, generalizadas no Brasil, durante os anos 80, associada a uma (4) alteração da representação de Portugal, para o que terá sido decisivo a adesão do país às Comunidades Europeias (Pires, 2002; Pires, 2003).

Mas será que Portugal se configura apenas enquanto “porta de entrada” na Europa, dadas as relações particulares entre os países e a questão da língua? Será Portugal apenas um ponto de passagem,



insuficientemente atractivo para reter estes quadros, quer em termos de oportunidades de emprego, de salários, de condições de vida, comparando com outros países europeus?

De forma a responder a estas questões, realizaram-se 27 entrevistas de carácter exploratório, a profissionais de nacionalidade brasileira a residir em Portugal, de forma a captar as suas trajectórias e percursos profissionais, bem como os diferentes processos de integração no mercado de trabalho de destino. Trata-se de compreender em que condições esses brasileiros emigraram, quais as suas fontes de financiamento, em que condições se hospedaram no início, quem os ajudou a encontrar o primeiro emprego, qual a importância de sua formação escolar (graduação ou pós-graduação), área de conhecimento e/ou experiência profissional. Ao mesmo tempo, para além de investigar a situação profissional e de vida desses profissionais brasileiros, cabia-nos conhecer a origem sócio-económica desses trabalhadores com reconhecido diferencial de qualificação profissional relativamente aos demais e em que medida esta origem lhes facilita a sua inserção no mercado e trabalho em Portugal.

2. Imigrantes brasileiros qualificados em Portugal: que realidade?

2.1 Caracterização sócio-demográfica dos entrevistados

Foram realizadas 27 entrevistas a imigrantes brasileiros qualificados, ou seja, com habilitações acima do ensino complementar (nível de formação superior ao ensino secundário completo), residentes em Portugal, estando os homens em ligeira maioria (15). A média de idades ronda os 35 anos, sendo que, à data das entrevistas, o entrevistado mais velho – neste caso, uma mulher – tinha 70 anos, enquanto que o mais jovem tinha 25.

Apesar de muitos terem origens europeias, e alguns possuem dupla nacionalidade, a maioria dos entrevistados é de nacionalidade e naturalidade brasileira.

2.2 Caracterização escolar dos entrevistados

Na nossa amostra, aqueles que completaram uma licenciatura equivalem-se àqueles que completaram ou frequentam um mestrado ou um doutoramento; na verdade, estes últimos estão em maioria, totalizando dez e treze casos, respectivamente. Os restantes indivíduos concluíram um curso médio, ou equivalente.

É sobretudo na categoria “outros ramos” que se inserem os cursos dos imigrantes brasileiros qualificados entrevistados, mais especificamente em cursos relacionados com a Informática, totalizando seis casos. Depois desta, a categoria mais representada é Artes e Letras, com cinco casos. Com quatro casos cada, aparecem em seguida as áreas Formação de Professores e Ciências da Educação e Comércio e Administração. Ciências da Engenharia e Arquitectura contabilizam três casos, Ciências Sociais dois casos, enquanto que Direito, Ciências Exactas e Naturais e Saúde perfazem, cada uma delas, um caso apenas.

Seguindo a distribuição habitual por sexo, os cursos na área de Artes e Letras foram frequentados quase na totalidade por mulheres, enquanto que os cursos nas áreas de Comércio e Administração e Outros ramos (Informática) foram frequentados, salvo duas excepções, por homens.

2.3 Caracterização socioprofissional dos entrevistados

Os principais grupos sócio-económicos onde os entrevistados se inserem são os Quadros Intelectuais e Científicos e os Quadros Técnicos Intermédios, categorias que englobam metade dos casos. Os restantes encontram-se dispersos noutros grupos, não havendo nenhum que se destaque além destes dois. De notar que apenas um dos entrevistados não se pode considerar “activo”, pois, no momento da entrevista, apenas estudava, apesar de anteriormente já ter trabalhado em Portugal.

Não constitui surpresa, portanto, que a situação na profissão mais comum entre os nossos entrevistados seja “trabalhador por conta de outrem”, seguida pelos “trabalhadores por conta própria” e “patrões”, em número bastante mais reduzido (três casos cada).



Quanto ao sector económico onde desenvolvem a profissão em Portugal, no momento da entrevista, o peso da Saúde e Acção Social é reduzido (apenas três casos). As restantes categorias onde os nossos entrevistados se posicionam mais são as Actividades Imobiliárias, Alugueres e Serviços prestados às empresas, em primeiro lugar, seguidas pela Educação. Neste grupo, destacam-se os professores de ensino superior (quatro dos cinco casos). No sector das “Actividades...”, constatamos o peso dos informáticos e dos consultores, que ganham ainda maior expressão se considerarmos o grupo composto pelos consultores de informática – no total, contabilizam seis casos.

Por fim, em termos profissionais, os imigrantes brasileiros que entrevistámos inserem-se nos grandes grupos dos Especialistas das profissões intelectuais e científicas, com uma maioria de quinze casos, e dos Técnicos e profissionais de nível intermédio, bastante menos significativo, com cinco indivíduos.

3. Portugal como país de atracção de imigrantes qualificados?

3.1 Trajectórias profissionais e percursos de migração

Quais as origens geográficas destes indivíduos? Na verdade, provêm de várias zonas do Brasil, sem que nenhuma delas se destaque particularmente; no entanto, a cidade de onde partiram mais indivíduos (seis) é o Rio de Janeiro.

Aqueles que completaram a licenciatura, fizeram-no no Brasil. Quanto aos graus superiores, completos ou a frequentar, do total de 13 indivíduos, oito reportam-se ao ensino superior português, enquanto que três deles têm ou frequentaram pós-graduações em ambos os países; por fim, dois dos entrevistados vieram do Brasil já com um grau superior à licenciatura.

No Brasil, à excepção de dois entrevistados, já todos trabalhavam no momento em que decidiram emigrar. É bastante comum, no relato dos seus percursos, o início de uma actividade profissional simultânea com a frequência do curso superior. Ainda mais interessante é constatar que, fora os estudantes, apenas cinco entrevistados estavam desempregados ou insatisfeitos com a sua inserção profissional no Brasil, no momento em que decidem emigrar. Logo, que outras razões poderão estar por trás da sua decisão de deixar o país e, na maior parte dos casos, uma situação profissional estável e desejada? Este aspecto será, em breve, abordado com maior detalhe.

As entrevistas realizadas revelaram que um terço dos entrevistados passou por outro país europeu antes da vinda para Portugal (em certos casos, por mais do que um país). Estes indivíduos caracterizam-se por serem solteiros, maioritariamente homens e de origens europeias (o que não implica que tenham outra nacionalidade além da brasileira). Outro aspecto interessante a reter é que as estadias em Portugal nem sempre são “lineares”; cerca de um quinto dos entrevistados apresentam percursos quer de retorno ao Brasil, quer de passagem por outros países europeus, tendo em comum um posterior regresso a Portugal.

Mas, de facto, apesar de um ponto de partida (Brasil) e um ponto de chegada (Portugal) semelhantes, nem todos os entrevistados vieram directamente para o nosso país. Nestes, a situação mais comum é uma passagem anterior – que poderá ser de meses ou anos – por Inglaterra ou Itália. Aquilo que os impulsiona a emigrarem para a Inglaterra é, em todos os quatro casos que passaram por esta experiência, a vontade de aperfeiçoar o inglês. No caso de Itália, os quatro entrevistados que fizeram esse percurso invocam, sobretudo, razões do foro familiar, uma vontade em conhecer as raízes.

Analisando o ano de vinda dos imigrantes para Portugal, constatamos que mais de metade dos entrevistados chegou ao país depois de 2000. Três indivíduos vieram na década de 80, registando, no momento da entrevista, idades acima dos 49 anos. Sete vieram na década de 90 e os restantes, em maior número, depois de 2000 – sendo também, no geral, os mais jovens.



3.2 Imigrantes brasileiros qualificados em Portugal: decisão ou acaso?

Será Portugal um país de atracção de profissionais qualificados? Aparentemente, julgando pelas entrevistas conduzidas, a resposta é “não”. No total das 27 entrevistas, apenas duas pessoas indicaram a vontade de viver e trabalhar especificamente em Portugal como razão principal por detrás da decisão de emigração, não sendo despendendo verificar que ambas as entrevistadas têm ascendentes portugueses.

Resta, então, perceber por que é que tantos profissionais qualificados acabam por vir para Portugal, se aparentemente essa não era uma ideia enraizada nos seus projectos de vida. Podemos falar em quatro grupos genéricos de motivos: profissionais, “de descoberta”, escolares e afectivos. No entanto, estas categorias não são mutuamente exclusivas; embora façamos uma tentativa de identificar a razão principal para a sua decisão de imigrar para Portugal, é comum que vários destes motivos sejam referidos pelos indivíduos como tendo sido importantes.

a) *Motivações profissionais*

Os motivos mais frequentemente apontados prendem-se com questões profissionais, embora neste grupo encontremos dois conjuntos de situações diferentes: houve aqueles que foram recrutados especificamente para virem trabalhar em Portugal, e houve outros que vieram por sua iniciativa própria. Em comum, têm o facto de serem quase todos homens (contabilizamos apenas duas mulheres neste grupo) e solteiros no momento da sua vinda, num total de doze pessoas.

Relativamente aos primeiros, há uma característica comum a dois deles que não deixa de ser interessante: são informáticos. Este factor é importante pois na década de 90 houve uma grande vaga de recrutamento de especialistas de informática no Brasil para virem trabalhar no nosso país, sobretudo no sector da Banca.

Existem ainda dois casos que se podem enquadrar na categoria de motivações profissionais por via de recrutamento ou aliciamento. Neste caso, são pessoas que vieram por influência de conhecimentos seus.

Dentro do grupo que veio para Portugal por motivos profissionais, existem também alguns, embora em menor número, que vieram por iniciativa própria. Destaque-se, por exemplo, o único advogado na amostra, que saiu do Brasil para se enriquecer curricular e profissionalmente; com esse objectivo, decidiu ir estudar inglês a Londres, mas acabou por se fixar em Itália, onde foi tratar do processo de aquisição de nacionalidade italiana. Começou a trabalhar em Itália e daí foi estudar para França até que, em 1999, decidiu vir para Portugal, por ser o país que lhe oferecia mais oportunidades na área da advocacia. Tais oportunidades estão relacionadas com os acordos existentes entre as Ordens dos Advogados de ambos os países, tendo sido o único entrevistado a referir os acordos bilaterais como um factor importante na sua vinda. Certamente não será uma coincidência, uma vez que a Ordem dos Advogados é também a única que, nos seus estatutos, beneficia especificamente os brasileiros em termos da sua inserção profissional em Portugal.

Os restantes dois indivíduos que se inserem nesta categoria têm ainda uma outra especificidade: algum tipo de sentimento de “ruptura” com a sua situação no Brasil, quer por questões familiares, quer profissionais.

b) *Motivações “de descoberta”*

Neste grupo encontramos seis indivíduos que decidem emigrar motivados por uma grande vontade em conhecer novas realidades ou, mais particularmente, por quererem viver especificamente na Europa. Por conjuntos de vários factores, a Europa acaba por se traduzir em Portugal, o que por vezes é um resultado inesperado para os próprios.

Mas além de projectos de vida mais ou menos indefinidos, mais do que uma vontade de sair, há uma “vontade de chegar”, ou seja, um interesse bastante comum em conhecer a Europa. É o caso, por exemplo, de um jovem informático que decidiu sair do Brasil pela vontade de conhecer realidades diferentes e para ganhar liberdade: “não é emigrar, não é sair do Brasil... é o bichinho da novidade, seja ela qual for. Sei lá... morrer na terra que eu nasci, acho muito estranho”. Numa viagem de um mês por Espanha e por Portugal,



decide enviar alguns currículos e consegue emprego como informático, em Portugal, quase de imediato. Apesar de sentir o “bichinho da novidade”, o seu intuito era passar umas férias. No entanto, desde aí que nunca mais havia voltado ao Brasil, o que revela uma capacidade de grande desprendimento e que parece ser uma característica comum a muitos dos entrevistados.

Os casos que se inserem nesta categoria, com apenas uma excepção, têm um outro aspecto muito relevante em comum: vieram para Portugal com menos de 30 anos e eram solteiros ou não tinham nenhum comprometimento familiar, o que poderá ter facilitado o seu “desprendimento”.

c) Motivações escolares

Apenas três dos entrevistados referiram como motivo principal para a sua vinda para Portugal a prossecução de estudos superiores, ainda que muitos o tenham feito. Foi o caso, por exemplo, de mais um dos informáticos que, em 2003, decidiu fazer um mestrado ou doutoramento fora do Brasil, aproveitando dessa forma a hipótese de conhecer novas realidades. Acabou por vir para Portugal porque tinha cá um tio e porque, comparativamente com os Estados Unidos, por exemplo, as pós-graduações custam muito menos dinheiro. No momento da entrevista frequentava um doutoramento na Universidade de Évora, dedicando-se apenas ao estudo, embora já tivesse trabalhado durante o primeiro ano e meio da sua estadia em Portugal, na área do desenvolvimento de *software*, enquanto aguardava a equivalência à licenciatura em Ciências da Computação.

d) Motivações afectivas

Nesta última categoria, inserem-se os indivíduos que vieram para Portugal por razões afectivas, ou seja, por terem iniciado relações amorosas com portugueses.

Quebrando a homogeneidade feminina nesta categoria (com três casos), encontramos um gestor que, muito novo, se casou com uma portuguesa no Brasil, que conheceu enquanto tirava o curso. Quando o terminou, em 1995, veio para Portugal, por insistência dela que sentia saudades da família. Porém, aliado a esse motivo existia também uma vontade de viver e trabalhar fora do Brasil. Em Portugal há 11 anos, foi sempre progredindo profissionalmente.

3.3 Expectativas e avaliações de Portugal à partida

Se apenas duas entrevistadas tinham como objectivo de vida vir para Portugal e, como vimos, na maior parte dos casos Portugal surgiu no percurso como um “acaso”, pensamos que é pertinente também conhecer que imagem e expectativas tinham os entrevistados do nosso país, antes de emigrarem.

Eram poucos os que já conheciam Portugal antes de terem decidido aqui viver mas, entre os que conheciam, as opiniões sobre o país eram positivas. A situação mais comum entre os entrevistados é um grande desconhecimento prévio sobre o país, que se associa a expectativas quase inexistentes. E ainda há, também, quem tivesse uma opinião formada muito má sobre Portugal antes de vir, embora sejam uma minoria – ou apenas uma minoria o assume.

Porém, uma coisa são as opiniões iniciais, outra coisa são as avaliações depois de se conhecer a realidade. Depois de chegarem a Portugal, a maior parte surpreende-se pela positiva, o que nos remete para questões de integração, aspecto que será abordado no próximo ponto.

4. Portugal como país de integração de imigrantes qualificados?

Como aspectos positivos que poderão ter contribuído para uma integração mais plena, os entrevistados referem, de um modo geral, a segurança e tranquilidade do país, a língua e as vantagens de Portugal estar inserido na UE. Com menor peso mas também bastante importantes, são referidos o facto de se ganhar em euros – o que se traduz num maior poder de compra –, o clima similar e as proximidades culturais entre os dois países.



Por seu lado, os aspectos que os entrevistados apontam como sendo mais negativos podem agrupar-se, no geral, em três categorias: a natureza dos portugueses (“distantes”, “preconceituosos”, “pessimistas”, “retraídos”); o país em si e o funcionamento das suas instituições (país muito “parado”, “conservadorismo exacerbado”, “burocracia excessiva”); e o nível profissional (tendência para “despachar” o trabalho, formalidade excessiva nas relações, mentalidade empresarial fraca).

Dois terços dos entrevistados consideram que a sua adaptação se processou com facilidade. Destes, quase todos dizem estar satisfeitos com o seu percurso profissional.

Em Portugal, com mais ou menos dificuldades, mais ou menos apoios de conhecimentos prévios ao longo do percurso, a verdade é que, no momento das entrevistas, uma grande maioria estava extremamente satisfeita com a sua inserção profissional actual. Mesmo aqueles que, sobretudo por motivos de difícil integração, assumem estar descontentes em Portugal, o que é certo é que se mantêm no mesmo patamar profissional onde se situavam no Brasil, ou até mesmo progrediram nas carreiras, o que parece ser a situação mais generalizada aos imigrantes interpelados, independentemente da sua área de formação, idade, ou sexo. Alguns consideram mesmo que o campo de trabalho é mais alargado em Portugal que no Brasil.

A procura de factores para uma integração positiva é de difícil concretização; aparentemente, o facto de o círculo de amigos ser composto maioritariamente por brasileiros ou por portugueses, pode ser encarado como um factor facilitador ou problemático, consoante os casos.

No entanto, a situação mais comum é que o grupo de amigos seja constituído tanto por portugueses como por brasileiros. Segundo vários dos entrevistados, uma condição necessária para uma adaptação positiva é evitar o “fechamento” dentro da comunidade brasileira e, no sentido contrário, tentar adequar-se aos hábitos portugueses.

Uma outra situação que contribui, neste caso, para uma integração mais difícil, é o sentimento de discriminação, por um lado a nível profissional, por outro a nível pessoal – este último tipo referido apenas por mulheres, mas de forma muito recorrente.

Os entrevistados vieram, na sua maioria, sozinhos, mas tendo já contactos de algum tipo em Portugal; isto traduz-se no facto de, no momento da chegada, quase todos partilharem um apartamento com conhecidos. Porém, o facto de haver conhecimentos prévios facilita o processo de adaptação, embora haja excepções à regra; o contrário também sucede, ou seja, pessoas que não tinham conhecimentos em Portugal no momento da vinda mas cuja adaptação foi fácil.

Metade dos entrevistados procurou obter a equivalência ou reconhecimento dos seus diplomas. No geral, os processos parecem ter tido resultados satisfatórios. Os casos mais difíceis dizem respeito ao engenheiro civil, a um dos informáticos, ao professor de educação física do ensino básico, à farmacêutica e à médica. Com excepção do professor, estamos perante cursos de áreas científicas. Contudo, um número significativo de entrevistados não achou necessário iniciar o processo, justificando-se com o facto de a equivalência não lhes ser exigida para o exercício das suas profissões. Estamos a falar, sobretudo, de áreas sociais e artísticas, embora também aqui se incluam alguns informáticos.

Quanto ao processo de legalização, a maioria dos entrevistados não passou por grandes dificuldades. Destes, seis têm nacionalidade portuguesa ou de um país comunitário, além de brasileira; cinco foram recrutados, pelo que já vieram com os trâmites legais resolvidos; quatro estavam casados com cidadãos portugueses, na altura da sua vinda; quatro vieram com Visto de Turista mas conseguiram contratos de trabalho que facilitaram a legalização; por fim, três vieram com Visto de Estudante.

Apenas três referem explicitamente um processo difícil de legalização – de referir que nenhum destes tem dupla nacionalidade. A jornalista, por ter vindo para Portugal sem contrato de trabalho, depois de 2003. O técnico comercial teve problemas com a primeira empresa onde trabalhou que, por motivos que não conseguiu entender, não lhe deu as condições para obter o Visto. Essa foi uma das razões que o fez sair;



após ter recorrido a um advogado, conseguiu finalmente obter o Visto, a que tinha direito. Por fim, um dos informáticos tem a visão mais pessimista sobre o assunto, considerando que ainda não foi legalizado por haver quem se queira aproveitar do facto de ele estar inserido numa empresa comprada por uma grande empresa portuguesa, procurando lucrar com isso.

5. Portugal como país de retenção de imigrantes qualificados?

Tendo analisado as razões de vinda e o tipo de integração, resta agora perceber quais são os planos dos imigrantes para o futuro: permanecer, regressar ao Brasil, ou transitar para outro país?

Os projectos dos entrevistados a este respeito são bastante díspares. Por um lado, encontramos aqueles que decidiram permanecer definitivamente em Portugal. Em comum, têm um factor já referido anteriormente, mas que agora ganha um peso muito maior: os laços afectivos. Na verdade, todos estes indivíduos (re)constituíram família em Portugal. Sem surpresa, quase todos nesta categoria indicaram que a sua integração foi fácil, com excepção do advogado e da médica, o que se poderá explicar por um meio profissional mais fechado que torna a adaptação inicial mais difícil. No entanto, os laços afectivos nem sempre potenciam um desejo de permanecer em Portugal.

Dentro dos que pensam regressar ao Brasil, encontram-se os que o desejam o mais rapidamente possível, enquanto que outros não o planeiam num futuro próximo. Na primeira categoria situam-se, por exemplo, os dois professores universitários em Coimbra, que se mostraram extremamente insatisfeitos, sobretudo a nível profissional, queixando-se de discriminação. Na segunda categoria, embora com motivações diferentes entre si, os indivíduos pensam, um dia, voltar para o Brasil.

Deixando de lado os mais indecisos, existe ainda um grupo de pessoas que gostaria de viver noutra parte da Europa antes de voltar para o Brasil, mas que não sabem se isso se irá concretizar. Sem surpresa, a vontade de viver na Europa foi um dos motivos avançados por todos estes indivíduos para justificarem o seu desejo de emigrar. Para estes, sim, Portugal poderá funcionar como uma porta de entrada na Europa, embora sejam as excepções à regra.

6. Conclusão

No estudo que levámos a cabo, entrevistámos 27 imigrantes brasileiros qualificados, ou seja, com habilitações acima do ensino complementar (médio e superior completos), procurando responder a algumas hipóteses iniciais, relativas ao posicionamento de Portugal apenas enquanto “porta de entrada” na Europa e ao fraco nível de atracção e retenção do nosso país no que respeita a imigrantes qualificados, procurando ainda saber que tipo de integração sentiram, social e profissionalmente.

De uma forma geral, os percursos em Portugal são ainda recentes, pois a maioria dos entrevistados chegou depois do ano 2000. Os trajectos de migração anteriores, assim como as motivações avançadas para a decisão de sair do Brasil, mostram claramente que Portugal não é um país muito atractivo como primeira escolha. No entanto, custos de vida elevados em países como a Inglaterra, a França e a Itália, assim como uma maior proximidade cultural de onde se destaca a língua comum, ajudam a que Portugal seja o destino destes imigrantes.

Mediante a análise das entrevistas, não se conclui que Portugal seja uma porta de entrada na Europa, como inicialmente se supunha, pelo menos para este grupo de entrevistados. Na realidade, é a Itália que parece desempenhar este papel, devido às recorrentes origens familiares neste país, derivadas de motivos históricos bem conhecidos.

As razões mais frequentemente apontadas para a vinda para Portugal são os motivos profissionais (podendo os indivíduos ser divididos entre os que foram recrutados e os que vieram por sua própria iniciativa), “de descoberta”, escolares e afectivos, não sendo de modo nenhum exclusivos entre si.



Porém, as migrações especificamente motivadas por motivos profissionais distinguem-se neste grupo de profissionais qualificados por não serem, na sua quase totalidade, uma “fuga” a uma situação económica desfavorável de partida, no Brasil. Pelo contrário, verifica-se que uma grande maioria dos entrevistados se encontrava profissionalmente inserida no seu país de forma bastante satisfatória, sendo a emigração justificada, nesses casos, com motivos de outra ordem, nomeadamente a vontade de conhecer novas realidades, verificando-se um grande “desprendimento” face a situações que, normalmente, são vistas como factores de fixação a um país, como é o caso de se ter um emprego estável. Pois bem, esse não foi um elemento que os nossos entrevistados tivessem encarado como um obstáculo à sua vinda para Portugal.

Outro aspecto a sublinhar é que apenas um dos entrevistados se encaixa nos processos descritos por Meyer, de circulação internacional de profissionais, no contexto da internacionalização das economias e do desenvolvimento de organismos e de empresas internacionais (Meyer, 2001).

De tal forma Portugal parece ser um país pouco atractivo para estes profissionais que a maioria não tinha uma imagem formada, nem grandes expectativas, devido a um grande desconhecimento inicial sobre o país. No entanto, as opiniões após tomarem contacto com a realidade tornam-se, regra geral, mais positivas, salientando-se a segurança e tranquilidade, a língua, a inserção na União Europeia, o clima, o poder de compra e a proximidade cultural como aspectos muito positivos de aqui viverem.

Por seu lado, os aspectos que os entrevistados apontam como sendo mais negativos podem agrupar-se, no geral, em três categorias: a natureza dos portugueses (“distantes”, “preconceituosos”, “pessimistas”, “retraídos”); o país em si e o funcionamento das suas instituições (país muito “parado”, “conservadorismo exacerbado”, “burocracia excessiva”); e o nível profissional (tendência para “despachar” o trabalho, formalidade excessiva nas relações, mentalidade empresarial fraca).

A nível de integração, cerca de dois terços dos entrevistados consideram que a sua adaptação se processou com facilidade. Destes, quase todos dizem estar satisfeitos com o seu percurso profissional. Em Portugal, com mais ou menos dificuldades, mais ou menos apoios ao longo do percurso, partindo de conhecimentos prévios ou não, a verdade é que, no momento das entrevistas, uma grande maioria se sentia extremamente satisfeita com a sua inserção profissional.

Mesmo aqueles que, sobretudo por motivos de difícil adaptação pessoal, assumem estar descontentes em Portugal, o que é certo é que se mantêm no mesmo patamar profissional onde se situavam no Brasil, ou até mesmo progrediram nas carreiras, o que parece ser a situação mais generalizada aos imigrantes interpelados, independentemente da sua área de formação, idade, ou sexo. Alguns consideram mesmo que o campo de trabalho é mais alargado em Portugal que no Brasil.

Aparentemente, o facto de o círculo de amigos ser composto maioritariamente por brasileiros ou por portugueses, pode ser encarado como um factor facilitador ou problemático, consoante os casos. No entanto, a situação mais comum é que o grupo de amigos seja constituído tanto por uns como por outros. Segundo vários dos entrevistados, uma condição necessária para uma adaptação positiva é evitar o “fechamento” dentro da comunidade brasileira e, nesse sentido, tentar adequar-se aos hábitos portugueses. Uma outra situação que contribui, neste caso, para uma integração mais difícil, é o sentimento de discriminação, por um lado a nível profissional, por outro a nível pessoal – este último tipo referido apenas por mulheres, mas de forma muito recorrente.

Os entrevistados vieram, na sua maioria, sozinhos, mas tendo já contactos de algum tipo em Portugal; isto traduz-se no facto de, no momento da chegada, quase todos partilharem um apartamento com conhecidos. Porém, o facto de haver conhecimentos prévios facilita o processo de adaptação, embora haja excepções à regra; o contrário também sucede, ou seja, pessoas que não tinham conhecimentos em Portugal no momento da vinda mas cuja adaptação foi fácil.

Metade dos entrevistados procurou obter a equivalência ou reconhecimento dos seus diplomas. No geral, os processos parecem ter tido resultados satisfatórios. Os casos mais difíceis dizem respeito a cursos de áreas científicas. Contudo, um número significativo de entrevistados não achou necessário iniciar o processo,



justificando-se com o facto de a equivalência não lhes ser exigida para o exercício das suas profissões. Estamos a falar, sobretudo, de áreas sociais e artísticas, embora também aqui se incluam alguns informáticos.

Quanto ao processo de legalização, a maioria dos entrevistados não passou por grandes dificuldades. As situações que facilitaram esse processo foram: ter nacionalidade portuguesa ou de um país comunitário, além de brasileira; o recrutamento profissional, pelo que já vieram com os trâmites legais resolvidos; o facto de estarem casados com cidadãos portugueses, na altura da sua vinda; a vinda com Visto de Turista mas obtenção rápida de contratos de trabalho que facilitaram a legalização; por fim, a vinda com Visto de Estudante.

Quanto a uma situação de imigração temporária ou permanente, os projectos dos entrevistados a este respeito são bastante díspares. Por um lado, encontramos aqueles que decidiram permanecer definitivamente em Portugal. Em comum, têm um factor já referido anteriormente, mas que agora ganha um peso muito maior: os laços afectivos. Na verdade, todos estes indivíduos (re)constituíram família em Portugal. Dentro dos que pensam regressar ao Brasil, encontram-se os que o desejam o mais rapidamente possível, enquanto que outros não o planeiam num futuro próximo. Deixando de lado os mais indecisos, existe ainda um grupo de pessoas que gostaria de viver noutro país europeu antes de voltar para o Brasil, mas que não sabem se isso se irá concretizar. Sem surpresa, a vontade de viver na Europa foi um dos motivos avançados por todos estes indivíduos para justificarem o seu desejo de emigrar. Para estes, sim, Portugal poderá funcionar como uma porta de entrada na Europa, embora sejam as excepções à regra.

Neste sentido, pensamos que podemos enquadrar estes imigrantes tanto nos conceitos de “brain drain”, como de “brain circulation”, embora os custos para um país com a dimensão do Brasil fiquem por apurar.

Apesar de Portugal não ser um país de atracção para estes imigrantes, não significa que não seja um país de integração, como pensamos estar em condições de concluir. Quanto a um país “de retenção” de recursos humanos qualificados, não podemos afirmar categoricamente que o seja ou não, embora se verifique que, para um número considerável de entrevistados, a permanência definitiva em Portugal seja o seu objectivo.

6. Bibliografia

BALÁZ, Vladimir, Allan Williams e Daniel Kollár (2004), “Temporary versus permanent youth brain drain: economic implications”, *International Migration*, vol. 42 – nº4, IOM – International Organization for Migration, pp.3-33.

IREDALE, Robyn (2001), “The migration of professionals: theories and typologies”, *International Migration*, vol.39 – nº5 – Special Issue – “International migration of the highly skilled”, IOM - International Organization for Migration.

MEYER, Jean-Baptiste (2001), “Network approach versus brain drain: lessons from the Diaspora”, in *International Migration*, vol.39 – nº5 – Special Issue – “International migration of the highly skilled”, IOM - International Organization for Migration.

OCDE (2002), *International mobility of the highly skilled*, Paris. OCDE.

OCDE (2004), *Échanges et migrations. Pour une main d'œuvre mobile à l'échelle mondiale*, Paris, OCDE.

OCDE (2004), *Tendances des migrations internationales – Rapport annuel 2003*, Paris, OCDE.

PIRES, Rui Pena (2002), “Mudanças na imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 39, pp.151-186.



PIRES, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração. Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*, Oeiras, Celta Editora.

SOLIMANO, Andrés e Molly Pollack (2004), *International Mobility of the Highly Skilled: The case between Europe and Latin America*, Working Paper, Series N. 1.